

In Cordibus Nostris

ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Ano V • Edição 03 • MARÇO 2024

O AMOR PATERNAL DE DEUS: COMPAIXÃO MANIFESTADA NO FILHO CRUCIFICADO

“Deus não nos enxerga apenas, Ele nos vê com amor de Pai e nos acolhe como filhos amados.”



Cl. Luiz Carlos das Chagas Esperançosas de Jesus Cristo, cp

É religioso da Província Getsêmani.
Comunicólogo, graduado em Filosofia
e discente em Teologia pela PUC-RIO.

Estamos vivenciando a quaresma tempo de ascese, para que iluminados pelo Evangelho de Jesus e seus ensinamentos, possamos subir ao monte e à parte viver a particularidade deste encontro. Recordo aqui as palavras do Papa Francisco sobre este período ser caminho para superar nossas fragilidades humana e espiritual: **“A ascese quaresmal é um empenho, sempre animado pela graça, no sentido de superar as nossas faltas de fé e as resistências em seguir Jesus pelo caminho da cruz”**^[1]

Nesta meditação buscaremos enxergar a relação de Jesus com Deus e o amor paterno de um Deus que é Pai, sente a nossa dor e pela Cruz nos mostra o caminho da ressurreição. Não construiremos um tratado ou tese acadêmica, nosso intuito é refletirmos uma parte deste mistério que é desvelado na medida que intimamente mergulhamos com o coração aberto para acolher o que nos é proposto.

Recomendo começarmos, antes de tudo, lendo um trecho do Evangelho de João (1,1-3.14.18), que nos apresenta a Imagem de Deus em Jesus e Jesus em Deus. João no prólogo nos dá uma introdução da relação de Jesus com Deus e a sua importância para a construção de um caminho relacional com Ele. O teólogo Castillo nos ajuda na compreensão de que Jesus Cristo, o Verbo encarnado, é a revelação de Deus a nós e que sua forma relacional é autêntica de um Deus que se faz humano para nos sentir. *“[...] o Deus de que fala Jesus é tão singularmente original surpreendente que sua novidade consiste precisamente em ser um Deus tal que a condição necessária para relacionar-se com Ele e para aproximar-se dele não é outra senão a própria humanização.”*^[2]

A relação de Jesus com Deus é de um Filho que é amado porque saiu do seio do Pai, mesmo possuindo a ontologia Divina se faz humano (Verbo se fez Carne) e inaugura uma nova forma de relacionamento com Deus.

1 Papa Francisco homilia na Festa da Conversão de São Paulo em 25/01/23

2 Castillo, José M. Jesus: a humanização de Deus; tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ. Vozes, 2015. p.113

Até então para o pensamento da época era um escândalo falar com Deus e sobre Ele da forma da qual fez Jesus. A compreensão até então sobre o relacionar-se com Deus era limitada a submissão e ao domínio, sem intimidade. A nova linguagem relacional de Jesus com Deus é um grito de liberdade[3] – *Abba* (Pai) (Mc 14,36; Mt 11, 25-26p; Jo 3, 24;5,19-20; 8,28-29) quando usou do termo em aramaico para externar aos discípulos sua familiaridade com Deus e, que pela filiação Divina no Espírito Santo, nos inclui também nesta filiação. **“E porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abba, Pai!”** (Gl 4,6). O clamor de Jesus é um sinal de quem é livre, é um grito testemunhal porque ao viver na liberdade de filho amado deseja estender a filiação a todos e também nos torna íntimos do amor do Pai (cf. Gl 5,1).

Estamos no período quaresmal caminhando para a Semana Maior, ou seja, popularmente conhecida por Semana Santa. Para rezarmos melhor este tempo precisamos olhar fixos para a singularidade de Jesus que está na sua autenticidade ao relacionar-se com o Pai. Jesus experimenta e nos propõe, com autoridade de Filho, que o conhecimento de Deus não se dá por meio da metafísica, mas unicamente pela experiência do amor de quem ama e deixa-se ser amado (cf. 1Jo 4,8). É necessário nos despojarmos da imagem paternal/maternal humana de relacionamentos, atitudes, gestos autoritários, submissão e domínio que nos feriu ou ainda nos fere. É importante fazermos essa desassociação. Embora falemos que Deus se fez homem e, é Pai, isto se dá em uma concepção totalmente oposta ao patriarcalismo humano que vivemos o qual precisamos romper. Este pensamento não pode ser trazido para a nossa relação com Deus.

Deus é um pai amoroso que nos acolhe e está próximo de nós, como parte constitutiva nossa, pela filiação em Jesus Cristo (cf. Jo 8,36). Foi por Jesus Cristo que Deus sentiu a fragilidade humana e ao se encarnar mergulhou no núcleo da existência humana. Deus não nos enxerga apenas, Ele nos vê com amor de Pai e nos acolhe como filhos amados. Este olhar é paternal e maternal que só é possível experimentarmos se olharmos para a relação de fidelidade entre Jesus e o Deus Pai (cf. CIC 239).

Pensemos mais um pouco nesta relação. Embora Jesus tenha se encarnado na condição de Deus Filho, a tradição da Igreja vai definir que Jesus é consubstancial ao Pai porque *“no princípio estava junto de Deus”* e que *“era Deus”* (Jo 1,1). O Concílio Ecumênico de Constantinopla em 381 definiu: *“O Filho único de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos, Luz da Luz, Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai.* (cf. CIC 242). Assim podemos afastar desta relação a submissão ou hierarquia. O que existe é a liberdade de Filho que é pautada na gratuidade e no amor pelo Reino de Deus para a salvação do homem. No Getsêmani Jesus torna visível aos seus discípulos sua angústia humana *“Minha alma está triste até a morte.”* (Mt 26, 38) e com isso se afasta um pouco dos discípulos e reza ao Pai pedindo auxílio. Nesta hora, Jesus, sente as nossas angústias e dores, sente no íntimo o pavor que a morte desperta no homem e isto fomenta um desejo natural humano de querer fugir. Mas logo este sentimento é regulado e Jesus o reprende lembrando da vontade do Pai (cf. Mt 26,39). Vontade esta que não pode ser interpretada como submissão de escravo. Mas pelo contrário, é na liberdade de Filho amado que saiu, do seio do Pai, para realizar o projeto salvífico de tornar a filiação divina acessível a todos.

Durante sua vida pública Jesus de Nazaré continuou gritando *Abba* e com seu olhar amoroso de Filho amado passou a ver o sofrimento e as necessidades do povo que o procurava. Com compaixão reproduzia o mesmo amor, oriundo do Pai, aos seus seguidores. Jesus não se conformava em ver apenas o sofrimento, Ele olhava para o que o ocasionava e oferecia o amor libertador, salvífico do Pai. Não será por isso que Ele não se contenta em apenas curar o leproso de longe, mas prefere aproximar-se estender a mão e o tocar? (cf. Mt 1, 40-42). O gesto de tocar no leproso mostra o tamanho da sua compaixão, o tamanho do seu amor paternal, mostra o quanto o Pai nos ama no Filho. Para Jesus pouco importam as consequências da lei que o tornara impuro por tocar no leproso e o proibia de entrar publicamente em qualquer cidade. A atitude de Jesus é a de Filho amado movido de compaixão e com o amor paternal se tornou "impuro" para purificar o que era considerado impuro.

A partir deste horizonte de compreensão precisamos olhar para a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo e não enxergar apenas o sofrimento, mas ver com os olhos do Cristo o amor paternal de Deus por cada um de nós. A condenação, a paixão e a morte de Jesus se dão por consequência do projeto salvífico de Deus rejeitado pela dureza dos corações dos doutores da lei e dos sacerdotes. Mesmo parecendo, na visão humana, que o projeto tenha fracassado na Cruz, Jesus não hesitou. Nas dores da sua paixão Jesus as sente e grita ao Pai "*Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?*" (cf. Mt 27,47), mas a manifestação paternal do amor e da gratuidade supera a dor, o medo e mais uma vez se transborda de compaixão e de solidariedade. O Deus Filho crucificado é interpelado por um dos malfeitores que estava ao seu lado e grita por liberdade

"Jesus lembra-te de mim, quando vieres com teu reino". Jesus manifesta, em meio as suas dores, solidariedade e compaixão pelo o próximo e acolhe o grito que também tem anseio de libertação e diz "*Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso*". (cf. Lc 23,39-43).

Portanto, a relação entre Deus e Jesus não é uma relação de submissão ou dependência, mas unicamente de liberdade. Quem é escravo não grita, Jesus gritou, pois, fez na liberdade do amor paternal que recebera e que lhe impulsionava a espalhar sua filiação. Para construirmos uma relação autêntica com Deus, precisamos necessariamente, ter os olhos fixos em Jesus para acolhermos seu amor paternal e o reproduzir nos irmãos. Não pode haver relação de submissão ou dependência o amor ofertado por Deus Pai, manifestado no Deus Filho, é gratuito, é livre sem imposição de fardos. A única condição é estarmos com o coração aberto.

Nesta Semana Santa examinemos a nossa consciência, peçamos ao Espírito Santo que nos ilumine, para estarmos abertos à sabedoria da Cruz e para nos humanizarmos com a compaixão e a solidariedade que brotam do Mistério Pascal que celebramos. Se preciso for, gritemos também como homens e mulheres livres que buscam viver a intensidade deste amor paternal e propagar com nossas ações a filiação divina que recebemos. São Paulo da Cruz intercedei para que, nesta Semana Maior, sejamos mais humanos, cheios do amor paternal de Deus manifestado pelo Deus Filho. Amém.

"Este grande Deus, que se fez homem e tanto quis sofrer por nós, está mais perto de vós do que quanto vós pensais estar perto de vós mesmos."

São Paulo da Cruz

Contato por e-mail:
espiritualidadepassionista@gmail.com



**Família Passionista
Março 2024**

EXPEDIENTE

Equipe de Espiritualidade da FPB

Ir. Jaqueline B. de Oliveira, cp
Província São Gabriel

Cl. Luiz Carlos Rodrigues da Silva, cp
Província Getsêmani

Ir. Maria Irene da Silva, cp
Província Rainha da Paz

Maria do Socorro Marcos da Silva
CLP - Província Getsêmani

Ir. Rosana Bertachi, cp
Província Imaculado Coração

02- última aprovação das Constituições, na Solenidade da Paixão do Senhor Jesus Cristo, ano santo da Redenção;
10- Início da primeira missão Passionista em terras brasileiras - cidade de Curitiba/PR;
19- Solenidade de São José, Copatrono da Congregação Passionista;
21- Recordação da Serva de Deus Ir. Carmelina Tarantino, das Passionistas de São Paulo da Cruz;
24- Domingo de Ramos;
28- Missa da Ceia do Senhor;
29- Sexta-feira da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo;
30- Sábado Santo;
31- Domingo da Páscoa na Ressureição do Senhor.

